

O “*Daimon*” de Sócrates: conselho divino ou reflexão?

Expositor: Valcicléia Pereira da Costa

1. Introdução

A manifestação do divino na literatura grega é expressa basicamente pelos termos: *theoi* e *daímones*. Apesar dos dois termos denominarem o divino, eles são distintos, pois enquanto o *theós* pode manifestar-se enquanto divindade individual, o *daímon* é uma manifestação genérica do divino, não sendo registrado na cultura grega, nenhum culto específico a ele. Podemos perceber essa distinção quando Hesíodo nos *Trabalhos e os dias*, situou o lugar dos *daímones* e precisou as suas funções. Segundo o poeta, os homens que viviam na idade do ouro, após o término do período destinado a eles, foram transformados por desígnios de Zeus em *daímones*, espécie de protetores dos mortais, para vigiarem as suas decisões e, em alguns casos, distribuírem riquezas. (*Os trabalhos e os dias*, versos 120-126). Esses *daímones*, vagariam pela terra, mas não seriam vistos pelos homens, que perceberiam a sua presença unicamente por suas ações benéficas. É também em Hesíodo, que podemos compreender a identificação que alguns autores fazem entre os *daímones* e as *moirai*. Na *Teogonia*, Hesíodo nos diz que as *Moirai*, são filhas da Noite, que possuem a função de distribuir entre os mortais: “os haveres de bem e mal”. Depois, Hesíodo estende as funções de

Cadernos de Atas da ANPOF, nº 1, 2001.

Kloto, Láquesis e Átupos também aos imortais, sendo as responsáveis diretas pela punição das transgressões divinas e humanas (versos 215-222).

O termo *daímon*, de origem eminentemente grega, não possui uma etimologia precisa. O dicionário de *Liddel-Scott* atribui como raiz provável de *daímon*, *daío*: "to distribute destinies". A presença desse termo nas mais antigas tradições gregas, ao mesmo tempo que exerceu um certo fascínio, devido a sua riqueza de significados, possibilitou um desafio aos autores posteriores que ora elegiam um desses significados, ora utilizavam vários ao mesmo tempo. Platão, como grego, não permaneceu imune ao termo, recorrendo a ele em quase todos os seus diálogos e cartas. Mas Platão, nem sempre se contenta em expor o que a tradição veicula, às vezes ele adapta um dos sentidos a sua própria concepção filosófica. No *Crátilo*, quando os interlocutores do diálogo procuram a significação própria dos nomes, o termo *daímones* aparece entre os termos *theoí* e *héros*. Nesse diálogo, apesar de recorrer a Hesíodo como fonte de referência, modifica o termo de *daímones* para *daêmones*, para relacionar a forma de vida dos homens bons com os *daímones*. Segundo a explicação, os homens de bem, que praticassem em vida a *phróneses*, seriam recompensados e transformados em *daímones* (397e –398c).

2. A concepção de *daímon* em Platão

Compreender a forma como Platão utilizou nos seus diálogos o termo *daímon* não constitui tarefa fácil, primeiro, porque está inserido em outros temas, segundo, porque é abordado em contextos diferentes que vai de uma narrativa antiga a uma defesa, terceiro, porque possui significados diferentes. Em Platão, essa compreensão passa necessariamente pelo estudo dos diálogos, independente de sua classificação, uma vez que aparecem tanto nos chamados diálogos da juventude, quanto nos da maturidade e da velhice.

2.1. O *tópos* dos *daímones* na hierarquia do cosmos

Platão parece concordar com a hierarquia estabelecida pela tradição que coloca os *theoí* como superiores ao *daímones*, heróis e homens. No *Banquete*,

quando Sócrates pergunta a Diotima o que é o Amor, ela responde que *Héros* é: “um grande gênio (daímon mégas), ó Sócrates; e com efeito, tudo o que é gênio está entre um deus e um mortal.” (202 d-e). Quanto a sua *dýnamis* específica que é: “o de interpretar e transmitir aos deuses o que vem dos homens, e os homens o que vem dos deuses, de uns as súplicas e os sacrifícios, e de outros as ordens e as recompensas pelos sacrifícios; e como está no meio de ambos ele os completa, de modo que o todo fica ligado todo ele a si mesmo.” Como os deuses não podem se misturar com os homens, os *daímones* atuavam como mensageiros e intérpretes, uma vez que todos os homens envolvidos na arte divinatória seriam denominados *daimónios anér*.

2.2. *Daímon*: guia de almas

No *Fédon*, a discussão sobre a imortalidade da alma conduz ao problema do seu destino, após o assim chamado viver. Seguindo a concepção da tradição que leva em conta a *paidéia* e a *trophé* como elementos de julgamento após o despojamento do corpo, cada alma é conduzida por um *daímon*, que acumula a dupla função de acompanhar cada homem em sua vida e, após a morte, de conduzi-la ao lugar estabelecido pelos deuses. Ainda segundo essa tradição, as almas que conduziram a sua vida da melhor forma possível e que compreendem a situação pós vida, acompanham o seu guia obedientemente, mas, as que se apegaram em vida ao corpo, resistem e são conduzidas a força pelo seu *daímon* (107 c-d, 108 a-b, cf. 113 d).

Também na *República*, livro X, encontramos a concepção do *daímon* como guia das almas. O assunto surge no decorrer da narrativa sobre Er, o Armênio, que após voltar do mundo dos mortos, chama o lugar onde as almas são julgadas de divino (641 c-1). Nesse lugar, Láquesis, filha da Necessidade expõe às almas o critério de escolha da nova existência. Acrescenta que cada alma escolherá tanto o *daímon* que a acompanhará, quanto a vida que levarão. A responsabilidade pelas duas escolhas será atribuída inteiramente a ele e nenhum *theós* poderá ser acusado de interferir no processo de escolha. Após o processo, a deusa destina a cada alma, o *daímon* escolhido com a seguinte função: “guardar a sua vida e fazer cumprir o que escolhera.” (620 d-8).

A concepção do *daímon* como guia dos homens, que aparece nos dois diálogos, contribui para as seguintes deduções: (a) se todos os homens possuem um *daímon*, isso significa que eles são muitos e distintos, o que viabiliza o processo de escolha; (b) que não podem interferir nas decisões tomadas pelo homem no decorrer de sua vida, mas, podem orientar após a morte, uma vez que conhecem os meandros de chegada e saída do Hades; (c) que o *daímon* é responsável pelo cumprimento do destino escolhido, não tendo, no entanto, poder de alterá-lo ou interrompê-lo; (d) que os *daímones*, apesar de atuarem conjuntamente com os *theoi*, estão sob o domínio dos segundos, embora às vezes sejam concebidos como “divinos” por estarem acima dos homens, conforme vimos no item 2.1.

2.3. Os *daímones* como protetores de homens e lugares

A recorrência aos *daímones* nos vários diálogos de Platão, ou congrega as diversas concepções existentes entre os gregos, ou sofre uma considerável modificação semântica, uma vez que percebemos uma evolução na própria forma como eles atuam entre os homens e deuses.

O primeiro aspecto é a referência no *Político* de um tempo feliz, regido por Cronos, onde os *daímones* eram os encarregados de prover todas as necessidades dos homens. Nesse período, não havia ainda o Estado, com suas respectivas constituições, sendo os *daímones* os responsáveis também pelo convívio social entre homens e animais. Eles, como pastores zelosos, não podiam descuidar de suas obrigações, pois estavam submetidos ao poder do deus Cronos (271 d). A contraposição de dois tempos, o de Cronos e Zeus, como modelos de felicidade, enfatiza o melhor tipo de vida, aquele onde os *daímones* conduzem os homens e estes sem esforço, apenas desfrutam o que lhes é oferecido, ou aquele onde cada homem é obrigado a conduzir a sua própria vida, sendo portanto, responsável pelas suas conseqüências, sejam boas ou más. No primeiro caso, apesar dos homens possuírem a *phrónesis* que completa o estado de felicidade, os *daímones* são concebidos como responsáveis por ela. Essa condição de felicidade plena, como responsabilidade dos *daímones*, explica por um lado, a rela-

ção da *eudaimonía* com a atuação de um bom *daímon*. E por outro lado, exclui a possibilidade da infelicidade, uma vez que no tempo de Cronos os *daímones* não atuavam de forma desfavorável com os homens. A infelicidade surge somente no tempo de Zeus, quando os homens orientam-se por si mesmo, não percebendo a orientação direta com o seu "daímon", como ocorre com Sócrates.

Nas *Leis*, livro VII, os interlocutores especificam que o legislador precisa considerar a atuação do *daímon* na ação dos homens, quando estes ultrapassam o seu controle e machucam alguém. Se um homem ao tentar matar um outro, ocasionar apenas ferimentos, será julgado por crime de morte. Mas, em atenção ao seu *daímon*, que não deixou que o seu intento se concretizasse, será condenado apenas ao exílio, preservando-se com isso a sua vida. Considera-se também que o *daímon* atuou tanto sob o pretense criminoso, quanto sob o ferido, e os juizes não podem contrariar uma atuação benéfica do *daímon* sob dois dos seus membros.

3. O "daímon" de Sócrates

Segundo as referências de Platão e Xenofonte, principais fontes do pensamento socrático, a presença constante de um "daímon", como guia e conselheiro pessoal, foi professada pelo próprio filósofo. A atuação desse "daímon", inteiramente benéfico, evita que determinadas situações ocorram e que outras sejam viabilizadas, como é o caso da manifestação do sinal quando ia atravessar um rio no *Fedro*.

Se os *daímones* são os intermediários entre os deuses e os homens, e o seu meio de comunicação são justamente o conhecimento oracular dos adivinhos e profetas, os sonhos e a voz interior de Sócrates constituem uma outra modalidade, mas assim como os primeiros, precisam ser compreendidos e interpretados. A princípio, a possibilidade de interpretação, parece ser inata a todos os homens, uma vez que o seu *tópos* é a alma, mas, como qualquer possibilidade, depende de condições favoráveis para se desenvolver. Sócrates embora

tenha consciência de sua capacidade, sabe que precisa percorrer um longo caminho para desenvolvê-la plenamente.

No seu argumento de defesa, simula um diálogo onde pergunta e responde as questões que considera importante para esclarecer os juizes. Se fosse indagado pela atividade que exerce, responderia que deve a sua reputação a uma *sophía*. Chamaria como testemunha dessa *sophía* o próprio Apolo, que por meio de um oráculo respondeu a Querefonte, seu amigo, que não havia ninguém mais sábio que ele. A esse oráculo devia a investigação sobre o sentido das palavras do deus, uma vez que segundo ele, a divindade não poderia mentir. (Platão. *Defesa de Sócrates*, 20 c-21 b).

Para alguém acusado de impiedade, a referência a uma divindade do panteão grego, constituiria um forte argumento a favor da crença nos deuses, mas, essa não é a única acusação como observamos no texto de acusação: "Sócrates é réu de corromper a mocidade e de não crer nos deuses em que o povo crê e sim em outras divindades novas." (24 b-c).

Em sua defesa, Sócrates pergunta a Meleto se a sua acusação de corromper os jovens baseia-se no ensino da descrença nos deuses em que o povo crê ou na crença em outras divindades novas (*hétera dè daimónia kainá*). A afirmativa de Meleto de que Sócrates não crê em deus nenhum, conduz à questão da existência dos *daímones* a partir dos seus efeitos. Esse aspecto, expõe as principais contradições na argumentação de Meleto: primeiro, a admissão que os *daímones*, ou são deuses, ou são filhos de deuses, segundo, que os filhos surgem dos pais, no caso os deuses, terceiro, que a tradição imputa aos *daímones* uma origem divina. Isso significa que crer em *daímones* é a mesma coisa que crer em alguma coisa, e, portanto, seguir as suas diretrizes.

Sócrates justifica perante o tribunal ateniense a sua abstenção na política, dizendo: "uma inspiração que me vem de um deus ou de um gênio da qual Meleto fez caçoadá na denúncia." (31 c-d). Explica que esse *daimónion ti*, presente desde a sua infância, atua como uma voz que se produz unicamente para desviá-lo de determinadas ações, nunca para incitá-lo. Considerando a ação benéfica do "*daímon*" nos vários momentos de sua vida, sempre orientando para ações favoráveis e evitando outras que poderiam prejudicá-lo, e considerando o

seu silêncio nos dois momentos decisivos, tanto na saída ao tribunal, como no decorrer do processo, deduz que o resultado do processo não seria prejudicial para ele, mas que seria um bem sob o ponto de vista da divindade. O argumento de Sócrates é que, se os “*daímones*” são filhos dos deuses, e se servem como porta-vozes dos pais, não há diferença entre os dois, pelo menos na viabilização de uma ação específica.

Se Sócrates é um homem piedoso, cumpridor dos deveres religiosos de sua cidade, qual o sentido atribuído de *asébeia* segundo a concepção dos seus acusadores e por que o arconte considerou a acusação passível de julgamento?

Segundo *Bruno Snell*, quase todos os processos judiciais por impiedade, que se tem notícia na antigüidade, ocorreram entre o curto período de 30 anos, a partir do começo da Guerra do Peloponeso até o fim do séc. V. Os processos, revestidos de cunho religioso, na verdade constituíam um forte apelo político contra pensadores que ameaçavam a pretensa ordem estabelecida.

No texto de acusação, aparece duas vezes o termo *nomízein*, que os autores geralmente traduzem por “crer”. O entendimento inicial a partir de “ou *nomízonta*”, era que o acusado não acreditava nos deuses da cidade e em seu lugar acreditava em outras divindades, os *daímones*. Como observamos anteriormente, a crença nos *daímones* estava presente na cultura grega desde o tempo de Homero e permaneceu na literatura posterior com vários sentidos. Se Sócrates acreditava nos deuses e nos seus filhos, os *daímones*, o argumento forçado dos seus acusadores era que ele introduzia um novo sentido a eles, modificando com isso a sua concepção. O perigo estava em introduzir uma relação pessoal com o mundo da religiosidade, estabelecendo com isso uma diferença inaceitável para os juizes. Mas, entre não acreditar e introduzir algo, há uma considerável diferença.

Se compararmos a *Defesa de Sócrates* de Platão e as duas obras de Xenofonte, perceberemos alguns contrastes entre a atuação do *daímon* e a sua utilização como argumento de defesa. No texto de acusação exposto por Xenofonte, encontramos algumas pistas que esclarecem a compreensão dos juizes. Os termos da acusação são: “Sócrates é culpado de não preitear os deuses que cultua o Estado e introduzir extravagâncias demoníacas (*kainà daimónia eisphé-*

rein). Culpado ainda de corromper os jovens." (*Ditos e Feitos Memoráveis de Sócrates. I,1*). A utilização por Xenofonte do verbo *eisphéron*, ao lado de "ou *nomízon*", citado também por Platão, especifica que Sócrates não só não acreditava nos deuses estabelecido pelo *nómos* da cidade, como também, introduzia uma divindade nova. Este verbo é importante porque destaca o ponto pretendido pelos acusadores de Sócrates, mostrar que o réu estabelecia uma nova relação com o seu "daímon" que contrariava a tradição. Apesar de Platão não utilizar o termo *eisphéron*, o sentido de "ou *nomízon*" possibilita o mesmo sentido, ou seja, se ele não acredita nos deuses estabelecidos pelo *nómos*, elabora uma nova concepção de divino.

Sócrates em sua defesa, precisa justificar não só a sua crença nos deuses da cidade, mas também a forma como se relaciona com eles, principalmente com os *daímones*, principal ponto de discórdia entre a concepção pretendida por seus acusadores e a concepção grega utilizada em seu argumento de defesa. Foi por obediência as orientações do seu "daímon" que não participou ativamente na vida política, atuando somente quando convocado pelo seu *demos*, e mesmo assim, sempre agindo de acordo com a justiça. Considera como prova da atuação divina sobre as suas ações o fato do seu *daímon* manter-se silencioso durante todo o processo, deixando com isso que ele explicasse somente aquilo que considerava necessário a sua defesa.

A compreensão da forma como Sócrates se relacionava com o seu "daímon", passa necessariamente pela credibilidade das informações de Platão e Xenofonte, pelo que concordam e pelo que acrescentam. O primeiro aspecto, é o proferimento do próprio Sócrates da atuação de um "daímon", segundo, é a liberdade que o filósofo possui para decidir as coisas, tanto quando o *daímon* se manifesta, quanto permanece silencioso. Isso porque apesar do *daímon* atuar como uma espécie de protetor e guia, a palavra final sempre recai sobre Sócrates, uma vez que cabe a ele decidir se obedecerá ou não. Apesar dos *daímones* serem identificados em alguns momentos com as *moirai* e, conseqüentemente, com o destino dos homens, eles não podem modificar os acontecimentos, apenas orientar para que cada um tenha aquilo que lhe é devido, conforme aquilo que foi escolhido por ele e confirmado por Láquesis. Aceitar o poder dos *daímo-*

nes, como mensageiro dos deuses, significa acreditar nos deuses e no seu poder sobre os homens. Nisso reside a piedade de Sócrates, na credibilidade que os deuses podem se comunicar com os homens e no poder de possibilitar uma boa vida aos homens, não somente no chamado viver, mas, principalmente, no pós vida, onde os justos adquiririam a *eudaimonía* e passariam a ser concebidos como divinos.

Segundo essa concepção Sócrates se considera *eudaímon* porque o seu *daímon* sempre atua de forma benéfica, mesmo quando permite que seja condenado a morte. Xenofonte destaca o lado benéfico da condenação de Sócrates: “Talvez seja por benevolência que me concede a deidade, como dom especial, terminar a vida não só na época mais conveniente como do modo menos penoso. Porque, sendo condenado hoje,

Sócrates parece aceitar com naturalidade a intervenção do seu “*daímon*”, apesar de saber que precisa compreender o que ele quer dizer e entender o significado do seu silêncio. Tanto um como o outro, passam pela reflexão e constituem objeto de investigação. Diante do silêncio do “*daímon*” no decorrer do julgamento toma as decisões consideradas por ele como as melhores diante da situação. Sabe inclusive que poderia sensibilizar os juizes com algumas palavras e ações, e com isso, convencê-los de sua inocência. Não faz isso porque concebe o saber humano como uma busca constante do significado da vida e, dentre elas, o significado do divino. Segue até o final o preceito délfico da limitação do saber humano frente ao divino.